



Horizontes das
Ciências Sociais Rurais 2

**Leonardo Tullio
(Organizador)**

Atena
Editora

Ano 2019

Leonardo Tullio

(Organizador)

Horizontes das Ciências Sociais Rurais

2

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H811 Horizontes das ciências sociais rurais 2 [recurso eletrônico] /
Organizador Leonardo Tullio. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Horizontes das Ciências Sociais Rurais; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-131-2

DOI 10.22533/at.ed.312191802

1. Agronegócio. 2. Pesquisa agrícola – Brasil. I. Tullio, Leonardo.
II. Série.

CDD 630.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste segundo volume, apresentamos 19 trabalhos que discutem sobre a percepção, processos e estratégias de estudos direcionados a compreender as pessoas em relação ao produto desenvolvido. São artigos recentes que demonstram pontos a serem observados sobre o empreendimento para o seu sucesso.

Conhecer a percepção dos produtos por parte do consumidor é uma estratégia fundamental no agronegócio. Contribuir para o desenvolvimento rural sustentável, aplicando conhecimento das ciências sociais é a proposta destes trabalhos.

Espero que a leitura desses artigos contribua para o seu conhecimento.

Aproveite ao máximo as reflexões e os resultados deste volume.

Leonardo Tullio

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SEGURANÇA DOS ALIMENTOS E MARCAS DE CERTIFICAÇÃO: CONTRIBUTOS PARA A SUSTENTABILIDADE DA CADEIA PRODUTIVA DA ERVA-MATE DO RIO GRANDE DO SUL	
<i>Kelly Lissandra Bruch</i> <i>Adriana Carvalho Pinto Vieira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3121918021	
CAPÍTULO 2	23
OS FATORES DE INFLUENCIA NO COMPORTAMENTO DE COMPRA DOS CONSUMIDORES DA FEIRA LIVRE DE SANTA ROSA/RS	
<i>Carlos Thomé</i> <i>Dionéia Dalcin</i> <i>Lidiane Kasper</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3121918022	
CAPÍTULO 3	43
PERCEPÇÕES DO CONSUMIDOR SOBRE O SELO DE IDENTIFICAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR (SIPAF): O CASO DA FEIRA DO PRODUTOR RURAL EM ASSIS/SP	
<i>Mara Elena Bereta de Godoi Pereira</i> <i>Silvia Cristina Vieira Gomes</i> <i>Liliane Ubeda Morandi Rotoli</i> <i>Ana Elisa Bressan Smith Lourenzani</i> <i>João Guilherme de Camargo Ferraz Machado</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3121918023	
CAPÍTULO 4	59
FUSÕES E AQUISIÇÕES NO SETOR DE CELULOSE E PAPEL E SUAS IMPLICAÇÕES SOBRE O DESEMPENHO FINANCEIRO	
<i>Paulo Henrique de Lima Siqueira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3121918024	
CAPÍTULO 5	75
APRENDIZ DO CAMPO: ESTIMULANDO A SUCESSÃO RURAL ATRAVÉS DO COOPERATIVISMO NO MUNICÍPIO DE TEUTÔNIA - RS	
<i>Mirian Fabiane Strate</i> <i>Maitê Luize Schumann</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3121918025	
CAPÍTULO 6	88
APL DE FLORES DA SERRA DA IBIAPABA NO CEARÁ: ESTRUTURA DE GOVERNANÇA, PROCESSOS DE APRENDIZADO E INOVAÇÃO	
<i>Luis André Aragão Frota</i> <i>Elda Fontinele Tahim</i> <i>Sefisa Quixadá Bezerra</i> <i>Anne Graça de Sousa Andrade</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3121918026	

CAPÍTULO 7 104

MARCA: ANÁLISE DAS ESPECIFICIDADES NO SEGMENTO DE REDES DE CAFETERIAS

Jaqueline Carolino
Patrícia Pereira Peralta
Sergio Medeiros Paulino de Carvalho
Vera Lucia de Souza Pinheiro

DOI 10.22533/at.ed.3121918027

CAPÍTULO 8 119

ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DOS ARTIGOS DE PESQUISADORES DA REDESIST

José Maria Cardoso Sacramento
Glauco Schultz

DOI 10.22533/at.ed.3121918028

CAPÍTULO 9 136

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E A PRODUÇÃO DE BIOCOMBUSTÍVEIS: UMA ALTERNATIVA À PRODUÇÃO DE FUMO?

Marcos Vinicius Dalagostini Bidarte
Ana Monteiro Costa

DOI 10.22533/at.ed.3121918029

CAPÍTULO 10 151

BIOCOMBUSTÍVEIS COMO UMA ALTERNATIVA SUSTENTÁVEL À PRODUÇÃO DE FUMO: UMA ANÁLISE DOS PROJETOS PROTOCOLADOS PELA AFUBRA

Marcos Vinicius Dalagostini Bidarte
Ana Monteiro Costa

DOI 10.22533/at.ed.31219180210

CAPÍTULO 11 165

POLÍTICAS PÚBLICAS DE EXTENSÃO RURAL NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: AVANÇOS E DESAFIOS À CONSTRUÇÃO DO DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL NOS ESTADOS DE MINAS GERAIS E MATO GROSSO

José Roberto Rambo
Raphael Fernando Diniz
Antonio Nivaldo Hespanhol
Antonio Lázaro Sant'Ana

DOI 10.22533/at.ed.31219180211

CAPÍTULO 12 183

PROCESSO DE CERTIFICAÇÃO NO SETOR SUCROENERGÉTICO: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DO PROTOCOLO AGROAMBIENTAL

Edenis Cesar de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.31219180212

CAPÍTULO 13 201

PRODUÇÃO DE SOJA NO MATO GROSSO: UMA ANÁLISE SOBRE A TEORIA DA LOCALIZAÇÃO

Eliane Veltrudes Zanata Benedito da Silva
Francislaine Darienzo Alves
Rosicley Nicolao de Siqueira
Rubia Araújo Coelho
Mamadu Lamarana Bari

DOI 10.22533/at.ed.31219180213

CAPÍTULO 14 217

COMPRA DE PRODUTOS AGROECOLÓGICOS: A ENTREGA DE CESTAS COMO PRÁTICA DE MERCADO DE CIRCUITO CURTO

Eliane Veltrudes Zanata Benedito da Silva

Francislaine Darienzo Alves

Rosicley Nicolao de Siqueira

Rubia Araújo Coelho

Mamadu Lamarana Bari

Tatiana Aparecida Balem

Ethyene de Oliveira Alves

Walesca Piovesan Winch

Guilherme dos Santos Schmelig

DOI 10.22533/at.ed.31219180214

CAPÍTULO 15 238

VANTAGENS COMPARATIVAS PRODUTIVAS E COMPETITIVIDADE DOS ESTADOS DA REGIÃO NORDESTE

Luiza Maria Marinho

Adonias Vidal de Medeiros Júnior

Meire Eugênia Duarte

Gerlânia Maria Rocha Sousa

Fábio Lúcio Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.31219180215

CAPÍTULO 16 254

ADOÇÃO DE ESTRATÉGIAS EM ESTABELECIMENTOS RURAIS EM JOAÍMA, MG: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS

Múcio Tosta Gonçalves

Laila Ferreira dos Santos Araújo

DOI 10.22533/at.ed.31219180216

CAPÍTULO 17 270

TERRITÓRIOS POTIGUARES INDUZIDOS PELAS POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL RURAL: UMA DISCUSSÃO DOS RESULTADOS SOCIOECONÔMICOS

Clesio Marcelino de Jesus

Vinícius Rodrigues Vieira Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.31219180217

CAPÍTULO 18 289

ARROZ DO LITORAL NORTE GAÚCHO: A EXPERIÊNCIA DA PRIMEIRA DENOMINAÇÃO DE ORIGEM BRASILEIRA

José Marcos Froehlich

Nathalia Lima Pinto

Jeniffer Hübner

DOI 10.22533/at.ed.31219180218

CAPÍTULO 19 306

BOVINOCULTURA DE CORTE BRASILEIRA SEM O USO DE ANTIBIÓTICOS: CONSEQUÊNCIAS E ALTERNATIVAS

Cleverson Percio

Daniel Augusto Barreta

Edpool Rocha Silva

Claiton André Zotti

DOI 10.22533/at.ed.31219180219

SOBRE O ORGANIZADOR..... 322

PRODUÇÃO DE SOJA NO MATO GROSSO: UMA ANÁLISE SOBRE A TEORIA DA LOCALIZAÇÃO

Eliane Veltrudes Zanata Benedito da Silva

UFMT, Faculdade de Economia
Cuiabá-MT

Francislaine Darienzo Alves

IFMT
Cuiabá-MT

Rosicley Nicolao de Siqueira

FATEC SENAI MT, Departamento de Gestão
Cuiabá-MT

Rubia Araújo Coelho

FAUC, Curso de Administração
Cuiabá-MT

Mamadu Lamarana Bari

UFMT, Faculdade de Economia
Cuiabá-MT

RESUMO: O presente artigo tem como principal objetivo avaliar qual a região mato-grossense que possui uma melhor localização para escoamento da safra de soja, de acordo com a teoria da localização. Para o desenvolvimento desse trabalho primeiramente fundamentou-se na economia regional, a importância das políticas de regionalização econômica e teorias correlacionadas. Na caracterização do objeto de estudo apresentou as principais cidades produtoras no estado, com suas características individuais em cada região. Os dados são secundários, obtidos no IMEA, IPEA e Aprosoja. A pesquisa demonstrou como o custo com frete

interfere no rendimento líquido da produção da oleaginosa, levando em consideração vários fatores como o preço dos insumos, quantidade demandada e consumida, custos com transporte e os preços dessa *commoditie* no mercado internacional.

PALAVRAS-CHAVE: Soja, Localização, Custos de Produção.

ABSTRACT: The main objective of this article is to evaluate the region of Mato Grosso that has a better location for the disposal of the soybean crop, according to the location theory. For the development of this work it was firstly based on regional economics, the importance of economic regionalization policies and correlated theories. In the characterization of the study object presented the main producing cities in the state, with their individual characteristics in each region. The data are secondary, obtained in the IMEA, IPEA and Aprosoja. The research showed how freight costs interfere with the net income of the oilseed production, taking into account several factors such as the price of the inputs, quantity demanded and consumed, transport costs and the prices of this commodity in the international market.

KEYWORDS: Soy, Location, Production Costs

1 | INTRODUÇÃO

A soja é uns dos produtos agrícolas mais rentáveis. Por ter grande procura, ela consegue trazer lucro ao seu produtor engrandecendo e impactando positivamente na economia do estado e do país onde é cultivada. Em Mato Grosso, a soja desponta com grande aceitação entre os produtores devidos sua lucratividade e competitividade, mesmo com problemas de logística por causa dos custos de transporte devido a distância do estado até os portos para a exportação, que é o foco dos grandes produtores de soja mato-grossenses.

Observando esse contexto, este artigo trás o questionamento em relação às regiões do estado de Mato Grosso que melhor se localiza na produção de soja destinada à exportação, de acordo com a Teoria da Localização, que possui papel estratégico na determinação dos custos da produção e da proximidade com o centro consumidor.

O objetivo do presente artigo é demonstrar como o estado de Estado de Mato Grosso melhor se localiza na produção de soja, tendo como base a Teoria da Localização. Para isso foi necessário mapear as regiões produtoras de soja do Estado de Mato Grosso; identificar o município referência de cada região; e fazer um levantamento da distância que a produção precisa percorrer até o porto para exportação. Este trabalho foi dividido em subitens para facilitar a leitura e entendimento do tema.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO:

Os fundamentos teóricos considerados no presente trabalho estão baseados em assuntos relacionados com a Economia Regional, Teoria da Localização e Nova Economia Institucional.

3 | ECONOMIA REGIONAL

A Economia Regional é o ramo de conhecimento que se dedica a estudar as disparidades e o desenvolvimento entre regiões focadas em seus aspectos econômicos sociais e geográficos. As principais referências teóricas ligadas aos estudos desenvolvidos sobre a economia regional vêm de longos séculos através de vários autores, alguns serão apresentados nos próximos subitens.

3.1 Economia Regional no Brasil

No Brasil, a defesa do papel do Estado, na industrialização e no planejamento econômico se deu a partir do primeiro governo Getúlio Vargas (1930-1945), apoiado em três linhas heterodoxas distintas (BIELSCHOWSKY, 2004): 1) privada: com a

defesa de objetivos desenvolvimentistas atreladas a uma ação empresarial privada nacional (SIMONSEN, 1979); 2) A internacionalista: pautada em princípios teóricos liberais a partir de um atrelamento ao capital externo (CAMPOS, 1979); 3) A nacional: que defendia uma base teórica estruturalista, no sentido de criar um modelo capitalista nacional próprio, autônomo (FURTADO, 2000).

A economia regional brasileira, que iniciou com a leitura e o método de Furtado, compreende até hoje uma leitura alternativa à abordagem locacional. A análise econômica regional brasileira surge em paralelo ao debate desenvolvimentista no país nos anos 1940. Compreende o embate entre diferentes correntes de pensamento em nível internacional e nacional, os estudos ganharam “força” a partir da década de 60, seu desenvolvimento mais considerado ocorreu a partir dos anos 1980 e 1990, com a nova geografia econômica (KRUGMAN, 1991).

Segundo IPEA (2011, p.278) a economia regional brasileira, interpreta e integra os conceitos clássicos da geografia econômica tradicional em modelos matemáticos (macro) modernos, mas com grandes fundamentos microeconômicos, fruto dos avanços da convergência macro/micro desde os 1980, a síntese neoclássica moderna. A organização social e produtiva, as instituições, a geografia, o ambiente e demais aspectos da sociedade são levados em consideração para melhor entendimento. A junção entre a geografia e fundamentos microeconômicos possibilita uma compreensão do problema regional para sugestões de ações políticas e de instrumentos que favoreçam o desenvolvimento.

3.2 Teoria da Localização

Um ponto que deve ser levado em consideração para o correto estudo da Economia Regional é a localização que segundo LOPES (2011, p.139):

Toda e qualquer localização é objeto de um processo de decisão mais ou menos explicitado que umas vezes pretende maximizar um valor, um rendimento ou uma utilização, outras vezes pretende minimizar esforço, despesas, custos em geral e, não raro, pretende otimizar o saldo de benefícios e dos custos seja qual for a escala ou a metodologia utilizada.

Por suposição teórica considera-se que a localização da população, da indústria e dos recursos é fixa, da mesma forma que as vias de transporte, e concebe o espaço como um atrito no fluxo de bens entre dois pontos fixos. Colocam-se dentro dessa categoria, a teoria de equilíbrio, no sentido de que reconhecem a existência do espaço e o impacto da distância nas relações econômicas entre as diferentes regiões da economia nacional.

A teoria da localização inclui a determinação da própria estrutura espacial dentro de seu âmbito e trata o espaço como “matriz para a localização das atividades econômicas”. Uma aplicação do sistema Walrasiano a economia na qual a distância é considerada como uma variável. Saber o porquê os indivíduos vivem e trabalham em

determinados lugares, porque fábricas e estabelecimentos de serviços são construídos em um local, porque centros populacionais de diferentes tamanhos se desenvolvem em determinado lugar, conhecer a heterogeneidade do sistema espacial são aspectos importantes que devem ser levados em consideração (RICHARDSON,1981).

Na teoria da localização são observadas as inter-relações entre as regiões e a economia nacional. Os fatores geográficos implícitos na análise são definidos como áreas delimitadas e o sistema regional é representado como um conjunto de pontos espacialmente separados. Os custos de transportes constituem influência sobre a localização. A determinação da localização ótima se reduz a encontrar-se o ponto que minimiza os custos de transporte, podendo ser obtida por meios geométricos, triângulo locacional de Weber (RICHARDSON,1981). A curva normal de custos da produção é dada e indica como os custos variam em relação à produção. Pode-se conceber uma curva de custos diversa que representa a produção da firma e mostra como os custos de produção variam no espaço (Curva espacial de custos). Além dos custos de transporte, compreende-se que outros custos, como os salários, os custos de localização e os de matéria-prima, diferem consideravelmente em função das localizações alternativas.

Segundo Cantillon (2001) a primeira grande contribuição para a discussão e explicação da localização dos aglomerados apoiada sobre as funções e determinada em primeira instância pela atividade agrícola, assente na terra como fonte de riqueza básica, nela se encontra a relevância dos aspectos funcionais a determinarem as primeiras ideias de hierarquia. Johann-Heinrich Von Thunen (1966) coloca uma explicação para outro tipo de regularidade espacial, relativa às produções agrícolas: admitindo a existência de concorrência quanto ao usos alternativos do solo para a agricultura, isolando os fatores econômicos mais relevantes e procurando simplificar a realidade com a adoção de hipóteses de uniformidade. Segundo Gomes (2013), Christaller demonstrou que um padrão regular de distribuição de lugares centrais pode ocorrer admitindo a existência de concorrência entre centros para servir as áreas envolventes, padrão tanto mais regular quanto mais uniforme for a área em estudo e que no extremo se revela de regularidade geométrica.

Admitindo a homogeneidade do espaço e a não-diferenciação nas facilidades de transporte, o problema aparece com características muito próximas das apontadas para a teoria de von Thunen, sendo de prever que o centro urbano seja estruturado com base em anéis concêntricos definidos pelos pontos de indiferença determinados pelas curvas de rendas de licitação próprias de cada uso. (LOPES, 2011, p.249).

David Ricardo incorporou na teoria da localização as vantagens comparativas, na qual analisa o custo de oportunidade em comparação aos de outros países, verificando e utilizando as potencialidades da região em questão. Outro conceito estudado por Ricardo refere-se ao da localização e valorização das terras sobre localização agrícola,

uma base dos modelos de Von Thünen. O modelo de Weber, sobre o fator locacional, o modelo de Lösch sobre a escolha da maximização do lucro ao invés da minimização de custos são alguns dos modelos da teoria da localização (SOUZA, 2005). De acordo com Souza (2005), Ricardo considerou a renda do principal fator de produção, a terra, por diversos fatores, como a fertilidade, assim admitia que as terras mais férteis eram utilizadas primeiro e detinham um custo de produção menor por serem mais produtivas, por isso mais valorizadas. As terras periféricas detinham uma fertilidade menor, por isso eram menos valorizadas. A utilização das terras tinha a direção de começarem no centro e distribuírem-se com o tempo para as regiões periféricas.

Ricardo também considerou a existência de renda em função de vantagens locais: “Se todas as terras tivessem as mesmas características, se elas fossem ilimitadas na quantidade e uniformes na qualidade, seu uso nada custaria, a não ser que possuíssem particulares vantagens de localização” (Ricardo, 1982, p.66). Ele também previu a formação de renda em terras de mesma fertilidade natural e idêntica distância ao mercado, pelo uso mais intensivo de capital, como mecanização, benfeitorias, fertilizantes, irrigação etc (SOUZA, 2005, p.69).

David Ricardo elaborou o conceito das vantagens comparativas, tendo como um fator as vantagens locais, como a organização do espaço é essencial nas relações econômicas. Advém da teoria dos rendimentos decrescentes de David Ricardo a ideia do custo da terra, fator que pode determinar a viabilidade econômica da produção, não levando em consideração o custo de oportunidade da terra. A organização do espaço tem por sua base um conjunto de fatores econômicos, políticos, sociais e culturais, sendo extremamente complexos, pois esses fatores que detêm mobilidade, além de serem inter atuantes (SOUZA, 2005).

Nesse contexto, a localização tem um papel estratégico na determinação dos custos da produção, na proximidade com o consumidor, para as tomadas de decisões. A partir da ideia dos espaços econômicos, Perroux discorre sobre a organização desses espaços e a dinâmica desses pólos de crescimento. Conforme Clemente (1994, p.19), Perroux parte da constatação de que na matemática a noção restrita de espaço euclidiano como uma relação entre continente (que contém) e conteúdo (que é contido) foi abandonada em favor da noção mais ampla de espaço abstrato, constituído de um conjunto de relações definidoras de certo objeto. Assim, Perroux conceitua os espaços econômicos como na ciência matemática, a partir da sua abstração, nos quais estão contidas as relações econômicas.

Através da percepção das bases conceituais das teorias que discorrem sobre a localização, pode-se elencar as principais e suas características. A primeira teoria da localização, utilizada na análise agrícola foi a do modelo de Von Thünen, tendo como objetivo explicar a formação dos preços agrícolas, e como a variação na localização da produção agrícola interferia na formação dos preços dos produtos. Com base na ideia de renda econômica de David Ricardo e a lei dos rendimentos decrescentes. Von Thünen observou que

[...] claramente, o problema da distribuição espacial das produções agrícolas. As culturas a desenvolver deveriam necessariamente proporcionar os melhores resultados; as que proporcionassem inferiores seriam relegadas para localizações em que, em termos concorrenciais, viessem a obtê-los face a outras. Assim, era o resultado líquido por tipos de culturas que o interessava; por unidade de solo e não por unidade de produto; em termos diferenciais (LOPES, 2011, p.160).

A teoria da ocupação do solo de acordo com sua localidade foi proposta por von Thünen, através dos anéis concêntricos, admitindo uma região fechada, com apenas um mercado, verifica-se a valorização das terras centrais e o decréscimo com o afastamento do centro. O modelo proposto por Alfred Weber, conhecido como o triângulo locacional de Weber, é uma relação geométrica de localização ideal entre as distâncias e o consumidor, qual o ponto mais eficiente de localizar a unidade econômica.

[...] na teoria de Weber pela consideração das possibilidades de substituição entre os custos de transporte e os custos da mão-de-obra (reconhecendo por isso que mão-de-obra barata pode representar um estímulo locacional) e a influência das tendências de aglomeração e dispersão, então, dentro do contexto weberiano, os custos de transporte constituem a única influência sobre a localização. A determinação da localização ótima se reduz a encontrar-se o ponto que minimiza os custos de transporte (RICHARDSON, 1981, p.57).

O triângulo locacional weberiano tem como análise a característica particular das matérias-primas ou se os custos locais são menores e tornam a localização ideal mais próxima do mercado consumidor, além de considerar que a mão-de-obra barata é um fator relevante. Considera que as mobilidades dos fatores dependem do período, o que pode tornam um fator fixo em curto prazo e em longo prazo se tornar um fator com mobilidade. O principal objetivo de outro modelo, proposto por Augusto Lösch é um modelo de equilíbrio geral com base no espaço, visando à maximização do lucro ao invés da minimização de custo, o que a tornou distinta das outras teorias de localização já elencadas (RICHARDSON, 1981).

Tem como diferenças em relação aos outros modelos, de considerar as variações na demanda em determinada região interferem na localização de uma unidade econômica, ou seja, só são consideradas no modelo weberiano as economias de localização, não levando em consideração as economias de escala e as economias de urbanização na determinação da localização ótima.

Uma questão fundamental para a Teoria da Localização, que foi aprofundada por LÖSCH, refere-se à própria explicação do porquê de a produção se concentrar espacialmente. A dispersão total não ocorre porque existem economias de escala, capazes de proporcionar custo unitário mais baixo para a produção concentrada. A concentração total não ocorre porque os custos de transporte a inviabilizam. Dessa forma, essas duas forças, economias de escala e custos de transporte, se compõem, resultando em maior ou menor concentração de acordo com o

predomínio de uma sobre a outra (CLEMENTE, 1994, p.100).

As principais contribuições da Teoria de LÖSCH, é considerar vários produtores ao invés de um só na mesma organização de espaço de vendas, a diferenciação por empresa desses produtos e verificar somente um preço de venda nessa localização delimitada.

3.3 Nei e os Custos de Transação

Segundo North apud Galípolo, Gala e Fernandes (2008), o conceito principal para o desenvolvimento econômico é a consolidação de instituições fortes e eficientes. Elas precisam despertar nos indivíduos e nas organizações a motivação para se desenvolverem e resultar em benefícios sociais a todos. Instituições, conforme North apud Enriquez (2010, p.93), são “as normas implícitas e explícitas que regulam a adoção de decisões pelos indivíduos e que limitam, voluntária ou involuntariamente a capacidade de escolha”.

Para que as regras possam surtir efeito, a mudança deve existir juntamente com um “ambiente institucional coeso, justo e democrático, no qual os desvios de conduta e as limitações identificadas como traços de sociedades primitivas devam ser punidos” (SILVA, 2012, p.26). Os atores envolvidos no processo agem de forma independente, mas são influenciados pelas instituições e organizações a sua volta, assim “se as organizações adotarem padrões produtivos e produtos sustentáveis, os consumidores vão gradativamente adequar suas atitudes.” (SILVA, 2012, p.56)

Nas instituições há agentes públicos que são responsáveis pelas tomadas de decisões. A importância das instituições está na redução das incertezas proporcionando uma vida mais estruturada para os indivíduos, dando limites às ações e escolhas humanas, regulando assim as relações econômicas (ENRIQUEZ, 2010). Segundo Cavalcante (2007, p.44 e 45) para North o que determina

[...] o desenvolvimento econômico é a criação e implementação de instituições que garantam os direitos de propriedade, que gerem modelos mentais que percebam o sistema como justo, direcionando a aquisição de conhecimentos e habilidades para atividades produtivas. Em síntese, a chave para o desenvolvimento econômico é o aprendizado, mais especificamente a capacidade de adaptação dos indivíduos às transformações no ambiente econômico – eficiência adaptativa [...] pelo sucesso do mundo ocidental. O autor assinala, por exemplo, que o declínio da União Soviética teria ocorrido devido à falta de instituições dinâmicas, com capacidade de adaptação ao novo cenário econômico da década de 1980.

De acordo com Coase (1937), não seria possível compreender o funcionamento da economia sem o conceito de Custos de Transação, pois há a necessidade de analisar vários problemas práticos ou ter a base necessária para definir uma política econômica. Ele define os mercados como mecanismos de redução desses Custos de Transação. Um sistema de regras e regulações é necessário para reduzir esses custos e aumentar o volume de negócios. Um sistema bem definido de direitos de

propriedade reduz consideravelmente os Custos de Transação, facilitando o processo e aumentando a eficiência do mercado. Uma função creditada aos governos seria de criar instituições que minimizassem os custos de transação, permitindo que as alocações ineficientes dos recursos possam ser corrigidas da maneira mais barata possível. Muitos economistas assumiam que a existência de externalidades constitui um caso para a intervenção do governo na economia de mercado. Coase não concorda com isso e acrescenta ainda que a autoridade pública costuma ser ignorante, sujeita a pressões e corrupta.

Pondé (1993) afirma que os custos de transação se referem aos gastos de recursos econômicos com finalidade de planejar, adaptar e monitorar as relações entre os agentes, para que se garanta o cumprimento dos termos de contrato e que essas relações sejam satisfatórias para ambas as partes. Trata-se dos custos associados ao estabelecimento dos contratos explícitos ou implícitos que organizam uma certa atividade.

Para Williamson (1985, p.388) há dois tipos de custos de transação que afetam diretamente o desempenho das unidades econômicas participantes: 1) Os custos *ex ante* de negociar e fixar as contrapartidas e salvaguardas do contrato; 2) Os custos *ex post* de monitoramento, renegociação e adaptação dos termos contratuais às novas circunstâncias. Esses custos estão presentes, com diferentes intensidades, segundo as características das transações, medidas pelo mercado e no interior de uma firma. O *insight* de Coase, permitiu a Williamson perceber a importância dos custos de transação e a possibilidade de falhas de mercado. Não foi plenamente aproveitada em razão da inexistência em Coase de uma articulação entre o comportamento/ atributos dos agentes e os custos de transação, que lhe permitisse explicar porque os custos de transação seriam maiores em certas situações que em outras. Somente a partir da atribuição de hipóteses comportamentais adequadas, após identificar as características das transações que Williamson pode construir uma sólida teoria dos custos de transação.

Conforme demonstrou Coase (1937), a utilização do mecanismo de mercado implica custos. Por transação entende-se a transferência de bens e/ou serviços entre agentes que estão separados por etapas de produção tecnologicamente distintas. Colocada nesses termos, as instituições econômicas do capitalismo têm como função principal a de reduzir os custos de transação. A firma para Williamson (1985) deve ser tratada como uma Estrutura de Governança. Numa estrutura de governança o objetivo é garantir uma coordenação (com ou sem o mercado) que economiza os Custos de Transação e reduza a incerteza, compensando os agentes de racionalidade limitada e do oportunismo.

4 | CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Os subitens a seguir caracterizam o objeto de estudo da pesquisa, abordando primeiramente as sete regiões produtoras do estado de Mato Grosso e na sequência suas caracterizações.

4.4 Regiões Produtoras de Soja no Mato Grosso

Segundo a Embrapa, Mato Grosso é o maior produtor brasileiro de soja (safra 2013/2014) produção de 26,442 milhões de toneladas com 8,616 milhões de hectares de área plantada e uma produtividade de 3.069 kg/ha. As principais cidades produtoras de soja do estado são:

- Primavera do Leste;
- Campo Verde;
- Sapezal;
- Lucas do Rio Verde;
- Sorriso.

O estado foi dividido por regiões de acordo com o Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária - IMEA (2010), a seguir estão os municípios que compõem cada região:

1) **Noroeste:** Aripuanã; Brasnorte; Castanheira; Colniza; Cotriguaçu; Juara; Juína; Juruena; Novo Horizonte do Norte; Porto dos Gaúchos; Rondolândia; Tabaporã. Polos econômicos: Juara e Juína se destacam como polos na macrorregião.

2) **Norte:** Alta Floresta; Apiacás; Carlinda; Colíder; Guarantã do Norte; Itaúba; Marcelândia; Matupá; Monte Verde do Norte; Nova Bandeirantes; Nova Canaã do Norte; Nova Guarita; Nova Santa Helena; Novo Mundo; Paranaíta; Peixoto de Azevedo; Terra Nova do Norte. Polos econômicos: Alta Floresta e Matupá são os principais polos econômicos da macrorregião.

3) **Nordeste:** Água Boa; Alto da Boa Vista; Bom Jesus do Araguaia; Campinápolis; Canabrava do Norte; Canarana; Cocalinho; Confresa; Gaúcha do Norte; Luciara; Nova Nazaré; Nova Xavantina; Novo Santo Antônio; Porto Alegre do Norte; Querência; Ribeirão Cascalheira; Santa Cruz do Xingu; Santa Terezinha; São Félix do Araguaia; São José do Xingu; Serra Nova Dourada; Vila Rica. Polos econômicos: Água Boa e Vila Rica são os principais polos econômicos da macrorregião.

4) **Médio-Norte:** Cláudia; Feliz Natal; Ipiranga do Norte; Itanhangá; Lucas do Rio Verde; Nova Maringá; Nova Mutum; Nova Ubiratã; Santa Carmem; Santa Rita do Trivelato; São José do Rio Claro; Sinop; Sorriso; Tapurah; União do Sul; Vera. Polos econômicos: Sinop, Sorriso e Lucas do Rio Verde são polos econômicos da macrorregião.

5) **Oeste:** Araputanga; Campo Novo do Parecis; Campos de Júlio; Comodoro;

Conquista D'Oeste; Curvelândia; Figueirópolis D'Oeste; Glória D'Oeste; Indiavaí; Jauru; Lambari D'Oeste; Mirassol D'Oeste; Nova Lacerda; Pontes e Lacerda; Porto Esperidião; Reserva do Cabaçal; Rio Branco; Salto do Céu; São José dos Quatro Marcos; Sapezal; Vale de São Domingos; Vila Bela da Santíssima Trindade. Polos econômicos: Pontes e Lacerda e Sapezal são os polos econômicos da macrorregião.

6) **Centro Sul:** Acorizal; Alto Paraguai; Arenópolis; Barão de Melgaço; Barra do Bugres; Cáceres; Chapada dos Guimarães; Cuiabá; Denise; Diamantino; Jangada; Nobres; Nortelândia; Nossa Senhora do Livramento; Nova Marilândia; Nova Olímpia; Poconé; Porto Estrela; Rosário Oeste; Santo Afonso; Santo Antônio do Leverger; Tangará da Serra; Várzea Grande. Polos econômicos: Os principais polos econômicos da macrorregião são: Cuiabá, Cáceres e Tangará da Serra.

7) **Sudeste:** Araguaiana; Barra do Garças; Campo Verde; Dom Aquino; General Carneiro; Guiratinga; Itiquira; Jaciara; Juscimeira; Nova Brasilândia; Novo São Joaquim; Paranatinga; Pedra Preta; Planalto da Serra; Pontal do Araguaia; Ponte Branca; Poxoréo; Primavera do Leste; Ribeirãozinho; Rondonópolis; Santo Antônio do Leste; São José do Povo; São Pedro da Cipa; Tesouro; Torixoréu. Polos econômicos: Rondonópolis, Barra do Garças e Primavera do Leste são os polos econômicos da região.

A Tabela 1 apresenta as regiões do Estado e as áreas plantadas respectivas e quantidade de município em cada região.

CULTURA SOJA SAFRA 2009/10			
Região	Área (ha)	Porcentagem (%)	Quantidade de Municípios
MÉDIO NORTE	2.466.000	39,66	16
SUDESTE	1.460.600	23,49	24
OESTE	948.200	15,25	14
NORDESTE	628.350	10,11	17
CENTRO SUL	409.100	6,58	17
NOROESTE	261.200	4,20	6
NORTE	44.000	0,71	10
TOTAL	6.217.450	100,00	104

Tabela 1: Distribuição das cadeias soja

Fonte: Dados baseados no IMEA, 2014.

A região mais representativa, na safra 2009/10 foi a do Médio Norte; seguida do Sudeste, que apesar de ter a maior quantidade de município ficou em segundo lugar em quantidade de área utilizada para a plantação de soja. Em terceiro lugar em quantidade de área está a região Oeste.

4.5 Característica das Regiões

Mato Grosso é um Estado de dimensões continentais. Segundo o IMEA (2010) Possui 906.806 km², que corresponde a 10,61% da área total do país. A área do Estado é um pouco maior que a área da França e Alemanha, que juntas somam 904.049 km².

O estado foi dividido em sete macrorregiões, cada qual com suas características individuais. As regiões Noroeste e Norte são compostas pelo bioma amazônico, com grandes savanas e florestas, com condições de clima e solo semelhantes, possuindo a pecuária como principal atividade econômica. O rio Arinos dificulta a comunicação da região Noroeste com a região Norte, as estradas que ligam a região Noroeste às regiões Médio-Norte e Oeste são precárias e dificultam o transporte e o comércio (IMEA, 2010).

Na região norte, as condições de relevo desfavorecem o plantio de lavouras, sendo também a agropecuária a principal atividade da região. O oeste e sudoeste, o rio Arinos e as condições das estradas dificultam a comunicação com a região Noroeste. A Leste, o Parque Indígena do Xingu impede o trânsito com a região Nordeste. Ao sul a região norte está ligada à região Médio-Norte através da rodovia BR-163. É importante ressaltar que as estradas entre as cidades são boas e a comercialização de gado e insumos é intensa.

A região Nordeste faz parte da Bacia Hidrográfica do Araguaia. A parte sul da macrorregião possui cerrados com características adequadas para o cultivo de culturas perenes. A porção leste da macrorregião é formada por savanas susceptíveis a inundação e propícias para a produção de bovinos. O restante da macrorregião é formado em sua maioria por florestas do bioma amazônico, onde a pecuária é a principal atividade econômica. É limitado a oeste, o Parque Indígena do Xingu impede a comunicação com as regiões Norte e Médio-Norte, pois não há estradas. A parte sul da região Nordeste possui boas estradas e tem bom trânsito e comércio com a macrorregião Sudeste. Conforme o IMEA (2010) Apesar da distância limitar o trânsito e a comercialização entre os dois principais polos econômicos, Água Boa e Vila Rica, da macrorregião, o sistema produtivo da pecuária, que é a principal atividade econômica da macrorregião, são muito semelhantes em toda a sua extensão.

A quarta macrorregião é a Médio-Norte está sobre o Planalto dos Parecis, que possui condições de relevo, solo e clima propícios para a produção de culturas perenes. A macrorregião Médio-Norte faz fronteira com todas as outras macrorregiões do estado, mas possui ligações através de estradas apenas com as regiões Norte e Centro-Sul pela rodovia BR-163, por onde toda safra é escoada. Apesar da macrorregião possuir três polos econômicos importantes, o comércio e o trânsito entre esses polos são intensos e o sistema de produção é muito semelhante.

A norte é a quinta macrorregião faz parte da formação da Chapada do Parecis e, assim como a região Médio-Norte, tem condições de relevo, solo e clima propícios para a produção de culturas perenes. Porém o restante da macrorregião faz parte

da formação da Bacia do Guaporé e do Jauru, que é caracterizada por formações florestais e savanas densas onde a pecuária está amplamente difundida. A porção norte da macrorregião tem acesso limitado às macrorregiões Centro-Sul e Noroeste, comprometendo o comércio e o trânsito, por isso o escoamento de grãos é realizado por meio fluvial, utilizando o porto de Itacoatiara. O restante da macrorregião tem comércio e trânsito com a macrorregião Centro-Sul, limitada apenas pela distância.

A Centro Sul é constituída por toda parte sul pelo Pantanal, que tem como principal atividade econômica a pecuária extensiva. O restante da região é formada pelo Vale do Rio Cuiabá e pelo início do Planalto do Parecis, que fazem parte do bioma cerrado. Assim como no Pantanal e na Baixada Cuiabana, a pecuária é a principal atividade econômica. Já na porção da macrorregião cuja formação é o Planalto do Parecis o sistema produtivo é bem diversificado, produzindo culturas perenes, cana-de-açúcar e pecuária. A porção norte da macrorregião corresponde aos limites da Bacia do Paraguai. A Chapada do Parecis isola a região de Tangará da Serra da macrorregião Oeste. Entretanto, por ser a macrorregião onde está situada a capital do estado o trânsito e o comércio com as demais macrorregiões são muito intensos. De acordo com o IMEA (2010) por ser a capital do estado, Cuiabá exerce uma influência grande sobre os polos da macrorregião. O Pantanal possui um sistema produtivo muito característico e por isso deve estar em apenas uma macrorregião.

A Sudeste, a diversidade marca o sistema de produção desta macrorregião, situada dentro do bioma cerrado. Ao oeste da macrorregião (Barra do Garças) a pecuária é a atividade dominante, na porção norte (Primavera do Leste) o destaque é a agricultura. No leste da macrorregião (Jaciará) a cana-de-açúcar é predominante. A porção central (Rondonópolis) é a mais diversificada e desenvolve as três atividades citadas anteriormente.

5 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS

Foi realizado estudo comparativo com dados provenientes de fontes secundárias da APROSOJA (2015) e IMEA (2011), dados referentes as regiões produtoras de soja no Estado de Mato Grosso. Após o levantamento das características de cada região, preço da saca, frete e custos, foi utilizado o modelo para as análises de Rendimentos Líquidos de Von Thunen (1826) que considera os rendimentos da produção agrícola e renda agrária. Este modelo é definido pela equação:

$$R = (P - C) - T \cdot D \quad (1)$$

Onde:

R = Rendimento Líquido

P = Preço Unitário (por saca)

C = (custo fixo + custo variável)/produtividade (mais ou menos 50 a 52 no ano)

T*D = Custo do transporte até Santos por cada região.

As regiões para efeito de análises foram consideradas as cinco maiores em área plantada do estado, Médio-Norte, Sudeste, Oeste, Nordeste e Centro-Sul. Na Tabela 2 tem-se o valor de frete por saca referente a cada região do Estado de Mato Grosso, observa-se que a região do Médio-Norte é a mais cara, seguida do Oeste, Centro-Sul, Nordeste e Sudeste.

REGIÃO	MÉDIO-NORTE	SUDESTE	OESTE	NORDESTE	CENTRO-SUL
Cidade	Sorriso	Campo Verde	Sapezal	Canarana	Diamantino
Por Kg	R\$ 0,23	R\$ 0,15	R\$ 0,22	R\$ 0,17	R\$ 0,19
Sc 60 Kg	R\$ 13,80	R\$ 9,30	R\$ 13,20	R\$ 10,50	R\$ 11,70

Tabela 2: Custo do Frete por Saca para cada Região do Estado de MT

Fonte: IMEA, 2014.

O preço unitário de venda, para o cálculo, foi considerado o valor pago por saca de R\$ 54,90, referência safra 2014/15, média estadual. Na Tabela 3 têm-se os custos médios anuais de cada região e nas safras estudadas nesse artigo.

REGIÕES DE MT	Médio Norte	Sudeste	Oeste	Nordeste	Centro-Sul
SAFRA 2008/09	35,86	35,62	36,39	36,26	36,07
SAFRA 2009/10	33,48	33,07	32,32	36,93	33,56
SAFRA 2010/11	28,41	27,82	27,26	30,02	28,82
SAFRA 2011/12	31,61	31,36	30,40	32,47	32,33
SAFRA 2012/13	42,13	38,11	39,39	41,85	36,61
SAFRA 2013/14	35,61	43,20	34,59	40,08	38,75
SAFRA 2014/15 ¹	42,10	47,06	37,47	40,99	40,83

Tabela 3: Custo médio Anual – por saca/região de Mato Grosso

Fonte: Resultados da Pesquisa, 2014.

Ao aplicar o modelo da equação (1) nas informações, foram obtidos os valores compostos que constam na Tabela 4. Estes valores referem-se aos rendimentos líquidos anuais, conforme o método de Von Thunen.

REGIÕES DE MT	Médio Norte	Sudeste	Oeste	Nordeste	Centro-Sul
SAFRA 2008/09	8,54	5,48	6,80	9,34	5,63
SAFRA 2009/10	10,92	8,03	10,87	8,66	8,14
SAFRA 2010/11	15,98	13,28	15,94	15,57	12,88
SAFRA 2011/12	12,79	9,74	12,79	13,13	9,37
SAFRA 2012/13	2,26	2,98	3,80	3,75	5,09
SAFRA 2013/14	8,78	-2,10	8,60	5,52	2,95
SAFRA 2014/15 ¹	2,30	-5,96	5,72	4,61	0,86

Tabela 4: Rendimento Líquido Anual – método de Von Thunen

Fonte: Resultados da Pesquisa, 2014.

¹ Valor Previsto.

Pode-se observar que na Safra 2013/14 o melhor resultado foi o da região do Médio-Norte, seguido do Oeste, Nordeste, Centro-Sul e Sudeste. Já na previsão para a Safra de 2014/15, o melhor resultado previsto foi da região Oeste, seguida da Nordeste, Médio-Norte, Centro-Sul e Sudeste. Pode-se notar que os resultados do Sudeste são negativos nas safras referidas, apontando para prejuízo aos produtores dessa região.

Observa-se que a região Médio-Norte obteve melhor rendimento embora o preço do frete seja o maior que outras regiões, além disso possui maior distância para escoamento da sua produção. Enquanto isso a região Sudeste que possui menor valor no frete obteve pior rendimento, embora esteja melhor localizada em termos de distância para os pontos de escoamento, além de possuir terminal ferroviário, porto seco, para enviar os grãos para Santos (SP).

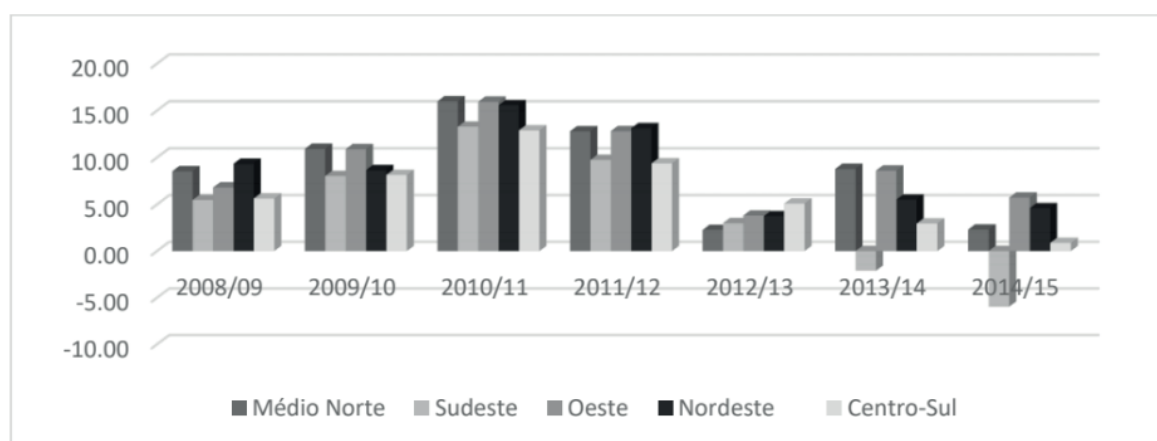


Figura 3: Rendimento Líquido

Fonte: Resultados da Pesquisa, 2015.

Todas as regiões sofreram com os aumentos nos custos de produção a partir da safra 2013/14. O rendimento líquido das mesmas regiões começou a diminuir a partir da safra 2012/13. Na região Sudeste os rendimentos líquidos calculados foram negativos para a safra 2013/14 e a previsão é de permanecer negativo para a safra 2014/15, indicando que para obterem rendimentos líquidos positivos, o preço de venda das sacas precisará ser superior à média do estado, no período estudado, cobrindo assim os custos de produção.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A soja como a principal produção agrícola do agronegócio de Mato Grosso, apresenta diversas percepções, do ponto de vista da escala, das tecnologias utilizadas, dos preços do mercado mundial, dos custos de produção e escoamento dessa produção. O espaço organizado e sua estratégia locacional são pontos que foram

analisados, analisando como a teoria da localização apresenta a melhor escolha na produção, com base na minimização dos custos, e nas variações dos preços, além da melhor percepção sobre o escoamento da produção.

Sabe-se que a falta de infraestrutura no escoamento da produção, fora da porteira da fazenda, impacta na competitividade da soja mato-grossense e percebe-se como a eficiência ao montante da produção se sobrepõe aos problemas logísticos e suas consequências nos resultados. As oscilações dos preços tais como, aumento dos insumos e aumento do frete nos últimos três anos, demonstraram que a margem de rentabilidade diminuiu cerca de 50%, a estimativa de rentabilidade líquida da produção de 12/13, 13/14 e 14/15 em comparação a produção de 11/12 oscilou de três a cinco vezes para menos, sendo portanto, um dado relevante a ser observado.

Isso implica na proposta de novas formas de escoamento, o que envolve outras áreas como a ambiental, logística e do governo, sendo assim, a procura de novos modais e as parcerias público-privadas são formas de obter multimodais, ferrovias, hidrovias e rodovias em uma rede mais eficiente e que contribua na melhoria dos resultados apresentados.

Pode-se constatar que a Região Sudeste está melhor alocada, pois fica próxima à fronteira e possui vários modais para o escoamento, mas pelos resultados apresentados, não é o melhor lugar para produzir, pois apesar do preço de frete ser mais barato, os produtores sentem as dificuldades em manter a produção de soja, se o valor pago na saca for a mesma da média do estado. Os custos da produção aumentaram a partir da safra 2013/14 nessa região, tornando-se a região mais cara entre as estudadas no presente artigo.

A Região do Médio-Norte não possui a melhor localização por estar mais longe da fronteira e distante dos pontos de escoamento da produção, mas foram obtidos melhores resultados, por estarem recebendo mais por saca e com isso conseguem cobrir os custos e viabilizar a produção, por isso essa região tem alcançado melhores resultados. Para a safra (2014/15) o melhor resultado esperado é da região Oeste. Isso demonstra que melhores resultados não dependem apenas da localização da região, mas principalmente dos custos da produção que interferem diretamente na análise.

REFERÊNCIAS

APROSOJA. **Histórico de fretes**. Disponível em: <<http://www.aprosoja.com.br/historico/fretes-interestaduais-da-soja/>> Acessado em 03 de janeiro de 2015.

BIELSCHOWSKY, R. **Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

CAMPOS, R. de O. A Moldura Política nos Países em Desenvolvimento. In: SIMONSEN, M. H.; CAMPOS, R. de O. **A Nova Economia Brasileira**. 3.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

CANTILLON, R. **Essay on the nature of commerce in general**. New Brunswick: Transaction

Publishers, [1755] 2001.

CAVALCANTE, C. M. **Análise Metodológica da Economia Institucional**. Dissertação (Mestrado em Economia) Faculdade de Economia, Universidade Federal Fluminense. Niterói (RJ), 2007.

CLEMENTE, A. **Economia regional e urbana**. São Paulo: Atlas, 1994.

COASE, R. **The Nature of The Firm**. *Economica*, November 1937, pp. 386-405. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/2626876?sid=21104997408951&uid=4&uid=2>> Acessado em: 01 de janeiro de 2015.

ENRIQUEZ, M. A. **Trajelórias do Desenvolvimento: da Ilusão do Crescimento ao Imperativo da Sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

FURTADO, C. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro internacional Celso Furtado, 2000.

GALÍPOLO, G.; GALA, P.; FERNANDES, D. A. **Notas para uma Avaliação do Discurso Marxista em Douglass North**. *Revista Economia*, Brasília (DF), v.9, n.1, p.195-213, jan/abr, 2008.

GOMES, M.T.S. **O padrão locacional de empresas industriais na região Oeste Paulista**. *Revista GeoUECE - Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE Fortaleza/CE*, v.2, nº3, p.98-117, jul./dez. 2013.

IMEA - Instituto Matogrossense de Economia Agropecuária. **Mapa de Macrorregiões do IMEA**. 2010. Disponível em <<http://www.IMEA.com.br/upload/publicacoes/arquivos/justificativamapa.pdf>> Acessado em 27 de dezembro de 2014.

IPEA. CRUZ, B. de O; et al (Org.). **Teorias e Métodos com Ênfase no Brasil**. - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Economia Regional Urbana*. Brasília, 2011.

KRUGMAN, P. **The Move Toward Free Trade Zones**. *Economic Review*. Federal Reserv Bank of Kansas City, p. 5-25, November/December, 1991.

LOPES, A. S. **Desenvolvimento Regional: Problemática, teoria, modelos**. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas/Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PONDÉ, J. L. **Coordenação e Aprendizado: Elementos para uma Teoria das Inovações Institucionais nas Firms e nos Mercados**. Dissertação (Mestrado em Economia) IE/UNICAMP, Campinas (SP), (1993).

RICHARDSON, H. W. **Economia Regional: Teoria da localização, estrutura urbana e crescimento regional**. Tradução: Fausto Guimarães Capistrano. 2ª edição. São Paulo: Zahar Editores, 1981.

SILVA, I. A. F. **Inovação sustentável na indústria do Estado de Mato grosso: setores de alimentos e madeireiro -1970-2012**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – Universidade Federal do Par., Belém (PA), 2012.

SIMONSEN, M. H. Os Desafios do Desenvolvimento. In: SIMONSEN, M. H.; CAMPOS, R. de O. **A Nova Economia Brasileira**. 3.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

SOUZA, N. de J. de. **Desenvolvimento econômico**. 5.ed. ver. São Paulo: Atlas, 2005.

Von Thünen, J. H. **Isolated State**. An English Edition of *Der Isolierte Staat*. Editado por Hall, P. com tradução de Wartenberg, C.M. Pergnon Press, Londres, 1966.

WILLIAMSON, E. **Las instituciones económicas del capitalismo**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

SOBRE O ORGANIZADOR

Leonardo Tullio - Engenheiro Agrônomo (Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais- CESCAGE/2009), Mestre em Agricultura Conservacionista – Manejo Conservacionista dos Recursos Naturais (Instituto Agronômico do Paraná – IAPAR/2016). Atualmente, doutorando em Ciências do Solo pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, é professor colaborador do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, também é professor efetivo do Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais – CESCAGE. Tem experiência na área de Agronomia. E-mail para contato: leonardo.tullio@outlook.com

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-131-2



9 788572 471312